

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

## **A OLIVICULTURA NA REGIÃO DA CAMPANHA: REPERCUSSÕES TERRITORIAIS E NOVAS CONFIGURAÇÕES SOCIOESPACIAIS<sup>1</sup>**

### **OLIVE GROWING IN THE GAUCHO PLAINS: TERRITORIAL REPERCUSSIONS AND NEW SOCIO-SPATIAL CONFIGURATIONS**

**Josiane Sanches<sup>2</sup>, Antonio Paulo Cargnin<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Resultados preliminares de dissertação de mestrado desenvolvida junto ao POSGEA/UFRGS, no âmbito do projeto: planejamento territorial e desenvolvimento regional

<sup>2</sup> Bacharel em Geografia e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia POSGEA/UFRGS

<sup>3</sup> Geógrafo da Secretaria do Planejamento Governança e Gestão (SPGG/RS); Professor Colaborador POSGEA/UFRGS; Doutor em Geografia

#### **Resumo:**

Em desenvolvimento e expansão no estado, a produção da olivicultura se mostra muito promissora como alternativa para a complementação da estrutura produtiva e para o desenvolvimento regional. Preocupado com essa temática, este artigo analisa possíveis repercussões territoriais e mudanças nas configurações socioespaciais resultantes do processo de consolidação na olivicultura na região da Campanha. Em um primeiro momento é situado o quadro teórico e regional que sustenta a atividade na região estudada. A seguir, é discutida a estrutura produtiva regional e os elementos condicionantes para a expansão do cultivo. Com base no caso do município de Caçapava do Sul, são exploradas as características do cultivo e as repercussões territoriais e transformações socioespaciais dela decorrentes. Por último, são feitas as considerações finais sobre o tema.

#### **Palavras-chave:**

Desenvolvimento Regional, Olivicultura, Transformações Socioespaciais, Repercussões Territoriais

#### **Olive growing in the Gaucho Plains: territorial repercussions and new socio-spatial configurations**

#### **Abstract:**

As it has been developing and expanding in the state, olive growing looks very promising as an alternative for the completion of the structure of production and for the regional development. Concerned with this topic, this article analyzes possible territorial repercussions and changes in socio-spatial configurations resulting from the process of consolidation in olive growing in the Campanha region. First, the theoretical and regional framework that supports the activity in the studied region is established. Then, the regional structure of production and the conditioning elements for the expansion of the cultivation are discussed. Based on the case of the city of Caçapava do Sul, the cultivation characteristics and the territorial repercussions and changes in socio-spatial configurations deriving from them are examined. Lastly, the final considerations on the topic are made.

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

## **Keywords:**

Regional Development, Olive Growing, Socio-Spatial Transformations, Territorial Repercussions

## **1. Introdução**

O final dos anos 70 marcou a reorganização do sistema capitalista mundial, com a emergência de um novo modelo de acumulação baseado na flexibilidade do capital. Com esse arranjo, as relações produtivas passaram a ser globalizadas, o papel dos estados nacionais foi relativizado e os territórios, especialmente nos países periféricos, foram induzidos a reorganizarem-se em função de interesses normalmente associados à escala mundial (HARVEY, 1993; BENKO e PECQUEUR, 2001; SANTOS, 2006).

Para Santos (1994), houve uma revalorização dos territórios, que passaram a se conectar diretamente com os mercados mundiais. Essa forma de pensar, disseminada como desenvolvimento endógeno ou “local” é preponderante até os dias atuais, embora se reconheça que outras escalas são fundamentais para um maior equilíbrio territorial, especialmente por meio de ações coordenadas em políticas nacionais. Não se pode deixar de registrar que essa construção que visa integrar os territórios ao sistema produtivo apresenta origens diferenciadas, onde se destacam duas vertentes principais.

A primeira, vinculada à especialização flexível e às interpretações sobre a flexibilização da acumulação do capital, recuperou a ideia dos Distritos Industriais, agregou e avançou em novos conceitos, entre os quais, os de Sistemas Regionais de Inovação, as Regiões de Aprendizagem e os Sistemas Locais Territoriais. A segunda vertente se agrupa em torno do conceito de cluster, definido como um grupo de empresas e instituições com proximidade geográfica e interesses comuns associadas para a competitividade e para o desenvolvimento. Essas vertentes apresentam em comum o destacado papel das aglomerações produtivas e das regiões que conseguem se inserir em uma economia globalizada a partir da competitividade e da inovação (AMIN, FERNÁNDEZ e VIGIL, 2008).

Desse modo, articular os territórios aos mercados inserindo-os nas cadeias produtivas tem sido usado como estratégia de sucesso, especialmente quando podemos associar aos mesmos os chamados “recursos específicos” que, de acordo com Benko e Pecqueur (2001, p.42), são ativos que não podem ser transferidos para outros territórios. Fatores de localização associados a condições climáticas solos e insolação são, desse modo “ancorados no território”. Há de se ressaltar que esses recursos não se restringem a características físicas podendo estar associados a características culturais e geográficas, construídas em uma cultura de proximidade.

Na mesma linha, Dematteis (2005), afirma que o território é um elemento central onde os atores interagem e possibilitam a construção de um processo de desenvolvimento sustentável, fundamentados em sistemas locais articulados no território. A probabilidade de sucesso das regiões é maior dependendo da capacidade de articulação e atuação conjunta dos atores na busca do

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

desenvolvimento.

No Rio Grande do Sul, a olivicultura tem sido difundida como uma alternativa de diversificação produtiva, tendo sido apoiada como estratégia de desenvolvimento regional em áreas que apresentam essa potencialidade, especialmente associada as condições ambientais favoráveis como na região da Campanha. Os avanços da introdução da olivicultura já são palpáveis e seus resultados perceptíveis na paisagem e na estrutura econômica da região. Entretanto, a sua introdução na matriz produtiva provoca transformações socioespaciais e repercussões territoriais nas diferentes escalas de produção.

O presente artigo tem como objetivo geral avaliar transformações socioespaciais atreladas ao processo de produção da olivicultura na região da Campanha, tendo como caso o município de Caçapava do Sul. Para tanto, buscamos caracterizar a região da Campanha, avaliar a introdução da olivicultura nesta região e analisar algumas repercussões territoriais em Caçapava do Sul frente ao cultivo de oliveiras.

Foram estudados os aspectos e as relações dos fenômenos existentes e a forma com que estes manifestaram no território. Também foi analisada a forma como os fenômenos se manifestam com base em um tempo e em um espaço, ou seja, foram exploradas diferentes perspectivas do objeto em foco. A pesquisa se valeu de coleta de dados através de questionários realizados com produtores de azeite, funcionários envolvidos nesta cadeia, consumidores de azeite importado e consumidores de azeite gaúcho. Com os dados obtidos na pesquisa foi possível uma análise mais verídica do encadeamento deste processo. Este método foi relevante para analisarmos como o azeite local atende os consumidores já consolidados, bem como por qual razão ainda não alcança os que consomem algum azeite importado.

## **2. A olivicultura como alternativa para o desenvolvimento regional na região da Campanha**

O setor agropecuário sempre foi uma base importante para a economia brasileira, do ponto de vista do crescimento do valor que este movimentava e das questões políticas de cada época. Segundo Ferreira (1998), durante mais de cem anos a agricultura determinou o que era produzido e como era produzido no Brasil, além de ser fonte de renda para as mais diversas classes sociais. O papel da agricultura brasileira, de acordo com Agra e Santos (2001), não foi apenas de produzir no campo, mas também de movimentar a divisão internacional do trabalho, substituir importações e intensificar exportações. Em vista disso, a agricultura brasileira se apresenta como um agente fortemente modelador das dinâmicas espaciais, não só no espaço rural, mas igualmente no que se refere às relações econômicas internas e do país com suas relações exteriores.

Seguindo uma lógica da agricultura do Brasil, ainda de acordo com Agra e Santos (2001), até 1950 o crescimento da agricultura brasileira ocorria pela expansão das áreas cultivadas. Com a chegada das técnicas da Revolução Verde em território nacional, no início dos anos de 1960, o aumento da mecanização e a introdução de produtos químicos e adubos passaram a garantir maior produtividade

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

agrícola. A década de 1970 marca a formação dos complexos agroindustriais, caracterizados pela interdependência e intensificação tecnológica. Ainda segundo Agra e Santos (2001), este fato demonstra o início do entrelaçamento mais forte entre a indústria e a agricultura, formando uma obediência entre setores da economia.

Embora sem a pretensão de aprofundar essa temática, esta breve análise histórica da agricultura brasileira explica muito como se apresenta a agricultura no Rio Grande do Sul. Desta forma, podemos identificar os sistemas agrários relacionados com as características naturais e técnicas de cada região do estado. Nesta lógica, os processos agrícolas foram implementados utilizando a seletividade espacial.

A intensificação do processo de urbanização, a partir da década de 70, acrescentou outros aspectos à agricultura, trazendo um novo sentido à produção agropecuária. Entretanto, o Rio Grande do Sul continua como um estado que apresenta forte componente agropecuário em sua base produtiva, sendo que a agroindústria movimenta valores significativos de nossa economia. Porém, a modernização e as transformações no meio rural, exigem a complementação e a modificação das cadeias produtivas, reafirmando as culturas já existentes e diversificando a sua matriz produtiva. Um exemplo dessa possibilidade é o investimento na olivicultura. Essa cultura vem demonstrando um bom potencial econômico agrícola para o Estado, além de ter comprovado sua adaptação ao clima e ao solo da região. A evolução da cultura é demonstrada pelo crescimento significativo entre anos 2002 e 2017, como observado na Figura 1.

Há de se registrar que houve, o período do durante o Brasil Colônia, a tentativa de introdução de oliveiras no país pelos portugueses, inicialmente por motivos religiosos, e que, em pouco tempo, foi reprimida pelos mesmos por razões econômicas, de acordo com Teramoto et al (2013). Era um hábito plantar uma oliveira nas imediações das igrejas, mas quando a metrópole percebeu que havia uma boa adaptação em algumas regiões, proibiu o cultivo para que a colônia não concorresse com um produto tipicamente português. Esse relato já indicava um provável sucesso na tentativa de introdução de olivais, assim confirmado pelo Zoneamento Agroclimático para a Olivicultura no Estado do Rio Grande do Sul (Embrapa, 2009), em que o estado tem em sua maior parte territorial classificações que recomendam o cultivo.

Atualmente o estado já conta com a produção nos olivais e, fora dele, participa de todas as etapas da cadeia produtiva. Conta com jardins de clonagem, os próprios olivais, industrialização, envase e comercialização. Há que se maximizar a efetividade e nível de desenvolvimento de cada um destes pontos para que a produção possa se fortalecer de forma que venha beneficiar ainda mais o desenvolvimento regional.

Figura 1 - Evolução da Olivicultura no RS: Área (ha)

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial



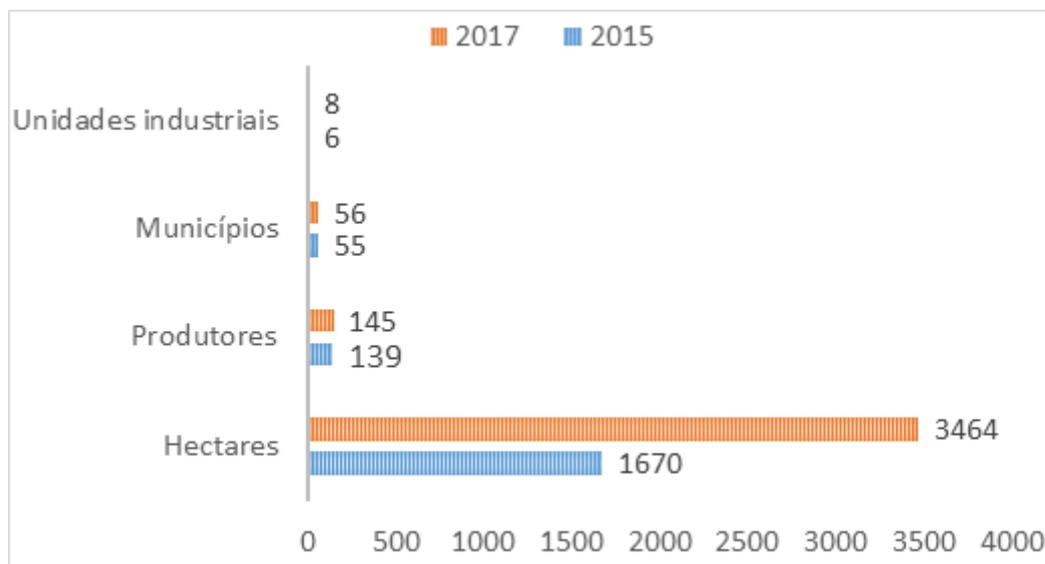
Fonte: EMATER (2015)/SEAPI (2018)

Além das vantagens físicas que o Rio Grande do Sul possui para esta produção, o Brasil como um todo se mostra muito propício para este tipo de cultura, visto que é o segundo país em importação de azeite. Dessa maneira, o mercado consumidor interno deve se tornar um fator decisivo para a continuidade de produção. Já se sabe da disposição de grandes redes de supermercados de comprar grandes quantidades de azeite de produtores locais. Entretanto, o que ainda muitas vezes os impede é justamente a pequena área de cultivo e o rendimento final do produto. Esse fato, além de ainda ter uma carência de quantidade para suprir o público consumidor, acarretaria em valores ainda menos competitivos frente às outras marcas disponíveis em ampla escala ao alcance rápido do consumidor.

Assim, produção de olivas tem se mostrado uma alternativa promissora com sua boa adaptação à região. Já são encontrados no Rio Grande do Sul 3.466 hectares de plantações de oliveiras em 56 municípios, 145 produtores sendo a maioria na região da Campanha ou em áreas próximas, além de oito indústrias, 57.875 litros de azeite no ano 2017 e 20 marcas de azeite<sup>4</sup>. O crescimento no setor se torna visível quando comparamos dados disponíveis da Secretaria da Agricultura para os anos de 2015 e 2017, como apresentamos na Figura 2.

Figura 2- Evolução de aspectos responsáveis pela dinâmica olivícola no RS

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial



Fonte: EMATER (2015)/SEAPI (2018)

Visando essa dinâmica produtiva, o governo estadual vem implantando políticas e programas capazes de auxiliar essa nova cultura, que é vista como uma potencialidade principalmente na região do Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDE) Campanha<sup>5</sup>. Esta região, de acordo com o Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2018), abrange sete municípios: Aceguá, Bagé, Caçapava do Sul, Candiota, Dom Pedrito, Hulha Negra, Lavras do Sul.

De acordo com dados do Censo Demográfico de 2010, o COREDE Campanha, possuía uma população de 216.269 habitantes, em sua maioria residindo em áreas urbanas. Os municípios mais populosos eram Bagé, com 117.794 habitantes, Dom Pedrito, com 38.806, e Caçapava do Sul, com 33.690 habitantes. Candiota, Lavras do Sul, Hulha Negra e Aceguá apresentavam população inferior a 10 mil habitantes. Contudo, em termos gerais, a região da Campanha, entre os anos de 2000-2010, apresentou um crescimento populacional abaixo do restante do Rio Grande do Sul. Esse comportamento seguiu o padrão populacional da transição demográfica<sup>6</sup>, iniciado com antecedência nos territórios com maior nível de desenvolvimento socioeconômico (BERTÊ et al, 2016).

Conforme dados da Fundação de Economia e Estatística (FEE), na estrutura econômica regional, representada pelo Valor Adicionado Bruto (VAB), em 2012, o setor de Serviços era responsável por 62,2%; a Indústria, por 20,6%; e a Agropecuária, por 17,2%. Entretanto, a economia regional da Campanha gaúcha é voltada para a agropecuária, tradicionalmente pautada da criação de gado e, mais recentemente, no cultivo do arroz. De acordo com Bertê et al (2016), um dos problemas mais relevantes está ligado a disponibilidade da água na Região. A escassez hídrica é um problema constante no COREDE em função da sua formação geológico-geomorfológica e da ocorrência de repetidos períodos de estiagens e secas nos últimos anos.

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

Os fatores de produção como terra, capital e trabalho podem ser melhor explorados, por exemplo, com mais investimentos na olivicultura. Estes fatores regem as culturas, os investimentos e os resultados obtidos. A diferente combinação destes fatores resulta em espaços agrários únicos. Este fato reafirma o domínio parcial do homem em relação à natureza. Seguindo esta lógica, Santos (1979) afirma que os modos de produção se desenvolvem com base em aspectos territoriais e históricos pré-determinados. Além disto, afirma que as formas espaciais são a tradução dos modos de produção. Com isso, as determinações geográficas, por serem seletivas, reafirmam as especificidades locais.

Desse processo resulta o que Benko e Pecqueur (2001) denominam de "recursos específicos" associados ao território, ou seja, atributos que os diferenciam. Essas características estão ligadas a características físicas e, fundamentalmente, ao resultado do processo de formação histórico e geográfico dos territórios. Para os autores, esses fatores podem ser potencializados com o desenvolvimento de elementos de "proximidades":

A proximidade é definida em três dimensões, a proximidade geográfica (espaço geoeconômico, mas também proximidade funcional), a proximidade organizacional (a expressão da separação econômica entre os agentes, os indivíduos, as organizações, etc. que pode ser apreendida no plano tecnológico, industrial ou financeiro), e finalmente a proximidade territorial, que é a interação das duas formas de proximidade. (BENKO e PECQUEUR 2001, p.39).

Assim, o desenvolvimento de uma nova atividade agrega um sentido mais amplo que a mera disponibilidade de recursos naturais. As proximidades geográficas e os atores e instituições que atuam nas diferentes escalas necessitam da construção de um processo de aprendizagem coletiva.

Bagli (2010) afirma que a produção da vida agrícola é o resultado de como se dispõem e como são empregados os fatores de produção agrícola. Então, não há uma receita que se aplique para todos os meios de produção rural. Porém, estes representam a forma concreta a qual se utiliza, efetivamente, para moldar o espaço agrícola, seja este variável na intensidade do trabalho aplicado, na quantidade de capital ou no tamanho da terra.

Os hábitos são construídos tendo como referência a intensa relação que se estabelece entre terra e trabalho. As tarefas cotidianas surgem dessa relação: preparo, adubação, plantio, poda, irrigação, colheita, entre outras atividades. É do trabalho realizado sobre a terra que os rendimentos são extraídos, seja de forma de produtos de subsistência, seja na forma de produtos para comercialização (BAGLI, 2010, p. 87).

Com a valorização do campo e de suas atividades, existe uma tendência de mais capital ser direcionado para esta área. Com isso, passa a existir uma maior atração de investimento financeiro. Juntamente com o montante investido, é necessário o emprego de técnicas e de pessoas capacitadas, tendo como consequência um maior fluxo de capital, de conhecimento e de mercadorias. O resultado desse ciclo é que os fluxos no campo passam a ser mais rápidos, o que se traduz em uma

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

temporalidade diferenciada nos lugares com poucos recursos, como dito por Andrade (1998).

Esse produto é produção das ações humanas, ou seja, o espaço geográfico é formado através de uma dinâmica de atores e objetos. Nessa lógica, muito se falava em fomentar uma determinada produção agrícola ou pecuária, mas tem-se pensado cada vez mais nas engrenagens que fazem essas atividades econômicas terem, de fato, sucesso. Não basta apenas fomentarmos as atividades no campo, mas devemos explorar todo o espaço circundante onde fluxos relacionados a essas produções ou criações ocorrem. De acordo com Feijó, “mais do que o apoio à produção agropecuária, hoje se pensa em como valorizar um dado território, viabilizando nele um conjunto de atividades econômicas e não apenas as produções agrícolas e pecuárias” (2011, p.6). Seguindo esse aspecto, tais processos no espaço promovem a exploração, utilização e produção de novas atividades em locais que ainda não tiveram suas potencialidades totalmente expostas.

Fazer com que seja formado um conjunto de atividades além da plantação ou criação é admitir as capacidades locais, ou seja, é dar-se conta de que o espaço geográfico possui suas particularidades que, quando bem analisadas e exploradas, podem potencializar uma determinada região. Perceber as características únicas em um determinado espaço é não só entender os aspectos naturais, mas também a situação social e técnica em que aquele espaço se encontra.

Ainda pouco mecanizadas, as técnicas utilizadas para a olivicultura, tanto nos jardins de clonagem quanto nos olivais, necessitam de emprego intensivo de mão de obra. Um aspecto social importante nesta cadeia é a necessidade de um trabalhador com motricidade fina mais desenvolvida. Portanto, é um campo propício para uma modalidade de ocupação que não se restringe a mão de obra masculina. Existem diversas etapas na cadeia produtiva do azeite. Dessa forma, a região pode vir a ser um polo produtor de oliveiras, se tornando referência e atraindo investimentos.

Com bases nesses elementos, iniciou-se um ciclo de produção que é movido através da produção de azeite de oliva local. De acordo com a intensidade com que os fatores de produção - terra, capital e trabalho - forem empregados na Olivicultura é o que poderá promover os elementos dependentes dessa produção, sendo: maior ou menor produção, maior ou menos competitividade, maior ou menor retorno econômico local/regional.

Os consumidores são o ponto chave para compreendermos algumas questões que ocorrem ao longo da cadeia produtiva. Desta forma, é entendido através do comportamento do consumidor que existem falhas, mas ao mesmo tempo existem aspectos positivos na produção e comercialização do azeite gaúcho. A falta de divulgação por meio de propaganda ainda gera um desconhecimento nos consumidores, que acabam optando pelo azeite importado. Contudo, este é um ponto estratégico e necessário para os produtores, que ainda não produzem o volume de azeite suficiente para suprir todo o mercado interno.

De acordo com a pesquisa realizada, as principais causas que levam ao consumo de azeite gaúcho são os aspectos como a segurança alimentar, benefícios econômicos para o município de produção e

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

sabor. Para esse grupo consumidor o azeite de oliva gaúcho é visto como sendo excelente sensorialmente. Contudo, para aqueles que consomem azeites originários de países como Portugal, Espanha, Grécia e Chile, o aspecto relacionado ao sabor é um dos fatores que os levam ao consumo do azeite estrangeiro. Além do desconhecimento sobre o setor gaúcho, o valor é definitivo na hora da escolha.

É consenso dos dois grupos de entrevistados que uma produção local é importante para garantia da qualidade do produto através da proximidade com o produtor. Esse fato acaba demandando menos tempo do produto em estoques e menos transporte, o que acaba levando ao cliente um produto mais fresco.

### **3. Repercussões territoriais e novas configurações socioespaciais decorrentes da expansão da atividade: o caso de Caçapava do Sul.**

Em uma análise geográfica, três categorias de análise se mostraram mais pertinentes na pesquisa trazida nesse artigo: espaço, paisagem e região. Cada um desses termos pode ser empregado na pesquisa a respeito da olivicultura em Caçapava do Sul/RS.

O espaço em análise é repleto de singularidades como todos os outros que compõem esse grande palco. Porém, através do estudo dessas particularidades -seletividade espacial - se tornou viável a produção de oliveiras no município de Caçapava do Sul/RS.

Historicamente o rural esteve intrinsecamente ligado a um espaço sem avanços e fadado à estagnação. O conceito que se afirmava na paisagem visível era a de um local pacato, mas esta condição está cada vez mais distante de ser a realidade. Dessa forma, o processo que leva alguns espaços do campo a serem mais desenvolvidos tecnológica e economicamente está relacionado com o capital. Com base em tal ponto, devemos lembrar que não é um processo que ocorre de maneira homogênea em todos os meios rurais nem urbanos, pois como em todo o sistema capitalista, ocorre a diferenciação dos espaços. Sustentando tal percepção Bagli afirma que:

O rural não precisa ser urbanizado para estar inserido dentro da lógica dominante do modo de produção. A plasticidade do capital permite que espaços diferenciados sejam incorporados e ajustados às determinações impostas (BAGLI, 2010, p.97).

A paisagem, em seu significado superficial, é neste município a de um ambiente tranquilo. Em uma determinada empresa neste município, os mais de 40 hectares de olivais parecem pinturas de uma cidade longe da rotina imposta pelo capital. Porém, basta utilizamos o conceito completo de paisagem - que se vê, se ouve, se sente - que as relações nesse espaço são desconstruídas e recriadas. Esse município é, sim, extremamente dependente das relações econômicas que ali ocorrem. É na sua paisagem que encontramos um dos elementos que mais ajudam a movimentar os pontos econômicos e sociais da cidade, a agricultura.

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

A produção desta empresa neste município abrange uma área de 45 hectares e totalizou, até novembro de 2016, 15 mil litros de azeite de oliva. A evolução da produção é visível nas figuras 3 e 4 que representam a transformação da paisagem visível da área de plantio de oliveiras. As figuras foram retiradas do Google Earth e editadas com delimitações em verde para área de plantio.

Em 2008 não havia plantação de oliveiras nessa área. Dessa forma, a figura número 3 é de uma área limpa e sem produção. Em 2013 Caçapava do Sul apresentou os primeiros resultados dos olivais. Nesse ano foram colhidos os primeiros frutos e produzida a primeira safra de azeite. A Figura 4 mostra a evolução da área plantada no ano de 2016.

Figura 3 - Evolução da área de plantio olivais: 2008



Fonte: Figura do Google Earth (2008) editada com base em Pesquisa de Campo (2016)

Figura 4 - Evolução da área de plantio olivais: 2016



Fonte: Figura do Google Earth (2013) editada com base em Pesquisa de Campo 2016

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

Segundo Baggio (2008, p.38) “as materialidades produzidas pelo trabalho social, bem como aquelas engendradas pelas mudanças da natureza, constituem formas empiricamente identificáveis no território, o que nos dá a paisagem geográfica”. Neste sentido, a paisagem trazida pelo autor refere-se ao conceito de paisagem vinculada ao que se ouve, se sente e se relaciona implicitamente. Para entendermos as complexidades e a realidade espacial, o plano visível é superficial, ou seja, devemos mergulhar no espaço em questão e nos valer de todos os sentidos para compreender as relações.

A olivicultura, dentro da paisagem de Caçapava do Sul, vem a agregar as relações ali já existentes. Além de transformar campos em cultivares com uma expansão exponencial, vista através de imagens de satélites a partir de 2008, se relaciona com os fatores de produção: terra, capital e trabalho. Essa expansão, encontrada na paisagem visível, transmite o que os outros pilares da paisagem formam na área. Primeiramente ocorreu a utilização da terra e sua expansão para que posteriormente pudesse ser empregada, aos poucos, a mecanização mais ostensiva com o emprego de mais capital. Com essa variação de hectares e tecnologias, o modo de trabalho na área foi sendo modificado a fim de garantir uma maior produtividade agrícola.

A região da Campanha e, mais especificamente Caçapava do Sul fazem parte da área classificada como recomendada para a olivicultura no Rio Grande do Sul, de acordo com o zoneamento agroclimático da Embrapa. De acordo com a Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul (2013), entre as características físicas do município existem três regiões geomorfológicas: Planície Continental, Depressão Central e Planalto Sul-rio-grandense. As medidas altimétricas desta área podem atingir até 450m. Como características de solo, para área em que o município está inserido, são rasos, siliciosos e pedregosos. Além disto, também são suscetíveis à erosão. Assim, não são indicados para todos os tipos de agricultura, mas se apresentam interessantes e propícios para o cultivo de arroz, soja, milho e oliveiras, de acordo com a Prefeitura Municipal (2016).

As características climáticas de Caçapava do Sul também influenciam muito nas atividades agropecuárias, segundo a Prefeitura Municipal (2016), que possui uma estação meteorológica automática. O clima se encontra em uma área de transição do clima subtropical úmido (sem uma estação definida de seca e com temperaturas em torno de 17,4 °C) e uma faixa de clima temperado e úmido, sem períodos de seca, de acordo com o Plano Municipal de Saneamento básico (PMSB) elaborado em 2013. As condições climáticas estão relacionadas com as culturas agrícolas cultiváveis no município. Por exemplo, essas condições são ideais para a olivicultura que, de acordo com Marchetti em Jornal O Sul (2016), são essenciais para a boa floração da planta. Segundo o empresário, fazendo um comparativo com países europeus que possuem olivais, o clima de Caçapava do Sul é ideal, pois possui a quantidade adequada de índice pluviométrico e ainda nos meses de inverno possui um frio que promove o estresse térmico nas plantas, fazendo com que continue havendo a floração. Já nos países europeus o frio é tão rigoroso que nos meses de inverno a oliveira acaba parando de crescer.

Valer-se das particularidades espaciais para a melhor gestão econômica e social faz com que o espaço se torne analiticamente melhor trabalhado. Segundo Feijó (2011), para a valorização do

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

território se faz necessária a gestão e a organização através de projetos, para que seja obtida a diferenciação espacial. Além disso, devemos lembrar em nossas análises espaciais de que as práticas vinculadas às produções estão atreladas a um dado local e a um momento histórico. Quanto a esse enfoque, Santos expõe que:

A realização prática de um dos momentos da produção supõe um local próprio, diferente para cada processo ou fração do processo; o local torna-se assim, a cada momento histórico, dotado de uma significação particular (SANTOS, 1979, p.16).

Esse processo ocorre através das técnicas disponíveis (ou desenvolvidas) e dos padrões culturais existentes, resgatados ou modificados. No caso do cultivo agrícola, muitas vezes somente as técnicas ou as condições físicas não são suficientes para o desenvolvimento de uma determinada cultura, ou seja, devemos ter uma visão mais completa da situação e da área. Seguindo esta lógica, Bagli expressa que:

A tecnologia contribui, mas não promove o domínio completo da natureza, especialmente no que diz respeito à produção agrícola. Esta ainda se encontra sob a lógica natural, segundo a qual os ciclos biológicos são ditados pelos processos naturais que incluem condições climáticas favoráveis ao seu desenvolvimento (BAGLI, 2010, p.85).

A região em que essa cultura está inserida, é extremamente promissora do ponto de vista físico e se mostrou, com as pesquisas, uma localidade potencial para a olivicultura também em relação a disponibilidade de mão de obra. Os próprios funcionários da empresa analisada veem nessa produção uma oportunidade de crescimento de indicadores socioeconômicos. Além disto, de acordo com a pesquisa de campo com os produtores situados na Vila Progresso, houve uma valorização dos terrenos (ao lado do local de olivais e empório). Um terreno que anteriormente à instalação da empresa custava R\$ 30 mil, atualmente é vendido a cerca de R\$ 100 mil. Esse fato demonstra que a cidade está atraindo novos investimentos e sendo valorizada.

Esse incremento nos índices, de acordo com os funcionários, não beneficia somente a empresa, mas também a atividade econômica do município e da Região. Entre os benefícios apontados pelos funcionários encontramos: o crescimento econômico, o acesso à saúde e à educação.

Para os produtores, atualmente uma das dificuldades mais presentes nessa produção, na escala estadual, se refere à aquisição de maquinário específico para essa cultura, que vai desde a colheita até os equipamentos de análise de qualidade. Esse maquinário é importado e ainda enfrenta grandes impostos. Outro obstáculo que desafia essa cadeia produtiva são as etapas complexas e longas para trazer mudas de outras variedades de oliveira para o país, o que dificulta fazer testes de adaptação. De acordo com o produtor, existem cerca de 30 variedades de oliveiras em um banco clonal, mas é uma quantidade ainda muito baixa se compararmos com países produtores da Europa, que possuem mais de 2.000 opções.

Para os envolvidos nessa atividade, outra dificuldade são as regras do Ministério da Saúde e do

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

Ministério da Agricultura, que levam um longo tempo para permitir a entrada de novas espécies no país. Com a diversificação de espécies pode ser possível produzir em mais locais com características diferentes das que atualmente são cultivadas. Para auxiliar os melhores resultados, os produtores precisam contar com as políticas públicas que em muitas vezes ajudam a sustentar a cadeia produtiva.

#### **4. Considerações finais.**

A pesquisa demonstrou que a introdução da olivicultura se mostra uma importante alternativa de diversificação das bases de produção. Em larga medida, com uma matriz produtiva variada o Rio Grande do Sul pode vir a ser mais resiliente em relação às variações de mercado. Além disso, a olivicultura pode representar o início de um ciclo virtuoso para o desenvolvimento regional, visto que os azeites produzidos já são reconhecidos como de boa qualidade, as características edafoclimáticas são adequadas e a mão de obra local tem sido facilmente adaptada.

Do ponto de vista territorial, podem ser notadas repercussões concretas na paisagem, com a expansão das áreas de cultivo e de atividades relacionadas ao processamento do azeite. Da mesma forma, observam-se transformações socioespaciais, como por exemplo, no caso da ocupação. A mão de obra apresenta fácil adaptação e a atividade apresenta forte potencial de ampliação da ocupação local, injetando recursos na região e gerando renda.

É importante salientar, em uma primeira observação, que a cadeia produtiva ainda apresenta muitas lacunas para que a atividade constitua-se em um sistema territorialmente articulado. A atividade ainda é recente e pouco organizada, tanto no município de Caçapava do Sul quanto na região da Campanha para que possa ser considerada como um arranjo produtivo.

Atualmente, não se reconhece a devida articulação entre os diferentes atores regionais que participam do processo. Com essa rede constituída a atividade tende a se tornar uma alternativa mais viável para o desenvolvimento regional.

O estabelecimento de ações, tanto por meio de incentivos governamentais quanto da formação de uma governança dos atores da cadeia produtiva é fundamental para que a mesma se estruture de forma adequada. Análises mais aprofundadas, compreendendo o mapeamento da cadeia e sua dinâmica na Região, também são fundamentais para a consolidação da atividade.

#### **5. Referências**

\_\_\_\_\_. AMIN, Ash, FERNÁNDEZ, Victor Ramiro e VIGIL. *Discutiendo el desarrollo regional: desde la emergencia y la institucionalización de la nueva ortodoxia hacia su reconsideración*. In: AMIN, Ash, FERNÁNDEZ, Victor Ramiro e VIGIL, José Ignacio (Orgs.). **Repensando el Desarrollo Regional: contribuciones globales para una estrategia latino americana**. Buenos Aires, Mino Dávila,

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

2008. p.19-60.

AGRA, Nadine Gualberto; SANTOS, Robério Ferreira dos. Agricultura brasileira: situação atual e perspectivas de desenvolvimento. **Anais**, XXXIX CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA, Recife, 2001.

BAGLI, Priscila. **Rural e urbano**: harmonia e conflito na cadência da contradição. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

BAGLI, Priscilla. Campo e Cidade: A Construção dos Mitos. **Anais**, CONGRESSO: "SETENTA ANOS DA AGB: AS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO E A GEOGRAFIA NO SÉCULO XXI. VI CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS. UFG, Goiânia-GO, jul.2004.

BENKO, Georges e PECQUEUR, Bernard. **Os recursos de territórios e os territórios de recursos**. Florianópolis, **Geosul**, v. 16, n. 32, p.31-50, 2001.

BESSA, Kelly. Diferenciação espacial como elemento próprio à natureza da geografia. **Mercator**, v. 9, n. 20, p.43-56, set./dez, 2010.

BERTÊ, Ana Maria de Aveline et al. Perfil Socioeconômico da Região da Campanha. Porto Alegre, SPGG, **Boletim Geográfico do RS**. n. 26, 2016. p. 75-111.

DEMATTEIS, Giuseppe e GOVERNA, Francesca. *Territorialità, sviluppo locale, sostenibilità: il modello SLoT*. Milano, Angeli, 2005.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISAS AGROPECUÁRIA. **Cadeias produtivas**: roteiro para estudo de sistemas agroalimentares. Londrina/PR: Embrapa, 2002.

EMPRESA Brasileira de Pesquisas Agropecuária. **Zoneamento agroclimático para Olivicultura no Estado do Rio Grande do Sul**. Brasília: Embrapa, 2009.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISAS AGROPECUÁRIA. **Zoneamento edafoclimático da Olivicultura para o Rio Grande do Sul**. Brasília: Embrapa, 2013.

FEIJÓ, R. L. C. **Economia agrícola e desenvolvimento rural**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

FERREIRA, M. J. O espaço-tempo e a geohistória. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**, n. 12, pp. 215-227, Lisboa, Edições Colibri, 1998.

GOMES, P. C. C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I. E. et al. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 49-76.

GOMES, Pimentel. **A Olivicultura no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Livraria Nobel S.A., 1979.

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo, Loyola, 1993. 349 p.

OLISUL. Associação dos Olivicultores do Sul do Brasil. **Olivicultura é debatida durante Seminário de Enogastronomia**. Disponível em: Acesso em: 03/11/2016

SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**: ensaios. Petrópolis- RJ: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_. O retorno do território. In: SANTOS, Milton et al. (Orgs.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994, p.15-28.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro, Record, 13ª ed., 2006. 174 p.

TERAMOTO, Juliana Rolim Salomé. et al. Mercado dos produtos da oliveira e os desafios brasileiros. **Informações Econômicas**, SP, v. 43, n. 2, mar./abr., 2013.

#### **Sites:**

EMATER. **Encontro Estadual de Olivicultura acontece nesta semana em Bagé**. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/site/noticias/detalhe-noticia.php?id=23202#.WCpwx0rLIU>. Acesso em 15/11/2016.

EMATER. **Área plantada de olivais no RS chega a 3.464 hectares em 2017 e supera meta traçada para 2018**. Disponível em: <http://www.agricultura.rs.gov.br/area-plantada-de-olivais-no-rs-chega-a-3-464-hectares-em-2017-e-supera-meta-tracada-para-2018> Acesso em 07/04/2018

EMATER. **Evolução da Área Cultivada com Oliveiras no Rio Grande do Sul - 2002-2015** Disponível em: <http://www.agricultura.rs.gov.br/upload/arquivos/201606/22153712-1449767470-olivicultura-no-rs-tailor-25-11-2015.pdf> Acesso em 07/04/2018

JORNAL do comércio. **Cadeia Produtiva da Olivicultura no Rio Grande do Sul Ganha Incentivo de ICMS**. Disponível em: [http://jcrs.uol.com.br/\\_conteudo/2016/10/economia/528584-cadeia-produtiva-da-Olivicultura-no-rio-grande-do-sul-ganha-incentivo-de-icms.html#.WBN-EI5RPKI.facebook](http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2016/10/economia/528584-cadeia-produtiva-da-Olivicultura-no-rio-grande-do-sul-ganha-incentivo-de-icms.html#.WBN-EI5RPKI.facebook). Acesso em 28/10/2016.

JORNAL o sul. **Abertura da colheita da oliveira será realizada nas terras do azeite de oliva extra virgem Prosperato**. Disponível em <http://www.osul.com.br/abertura-da-colheita-da-oliveira-sera-realizada-nas-terras-do-azeite-de-oliva-extra-virgem-prosperato/> Acesso em 09/10/2016.

JORNAL o sul. **Azeite de oliva produzido no RS, Prosperato, ganha prêmio internacional na**

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

**Itália.** Disponível em :  
<http://www.osul.com.br/azeite-de-oliva-produzido-no-rs-prosperato-ganha-premio-internacional-na-italia/> Acesso em 09/10/2016.

PREFEITURA DE CAÇAPAVA DO SUL. **Parceria viabiliza instalação de unidade de extração de azeite de oliva.** Disponível em: <http://prefeitura.cacapava.net/portal/?i=28&num=2075> acesso em 15/11/2016

SECRETARIA DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E IRRIGAÇÃO. **Pró-oliva.** Disponível em: <http://www.agricultura.rs.gov.br/conteudo/7432/?Pr%C3%B3-Oliva> acesso em 12/10/2016

---

4 Os dados se referem ao Cadastro Olivícola 2017. Produção para fins de atualização de dados do setor olivícola gaúcho. Realizado pela Secretaria da Agricultura (SEAPI), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) e Instituto Brasileiro de Olivicultura (IBROLIVA).

5 Para fins analíticos, utilizamos o recorte territorial do Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDE) Campanha. Os COREDEs se constituem em um fórum de discussão e decisão sobre políticas e ações relativas ao desenvolvimento regional. Sua criação foi estimulada pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul e teve origem, a partir de 1991, com a aproximação entre governo e instituições regionais, em especial as universidades e Associações de Municípios, tendo sido institucionalizada através de decreto no ano de 1994. Atualmente o Estado do Rio Grande do Sul é dividido em 28 COREDEs.

6 A transição demográfica pode ser entendida como um padrão de mudanças no comportamento do crescimento populacional e na sua estrutura etária, fruto, principalmente, de um processo de redução em seus níveis de fecundidade e mortalidade. Como resultado, em um primeiro momento, presencia-se um aumento das taxas de crescimento populacional (uma explosão demográfica), mas, com a queda da natalidade, o ritmo de crescimento da população vai se reduzindo ao longo do tempo, tendendo para a estabilidade, ou mesmo para a redução da população absoluta.